

Super Interessante  
Janeiro 91

## O homem que contava histórias

# MALBA TAHAN

Por Arnaldo Lorençato

A caravana de mercadores pára no oásis cravado no meio do deserto. Os incansáveis peregrinos, no entanto, não estão em busca de água para sua sede: procuram Malba Tahan, um célebre contador de histórias daquela parte do mundo. Uma cortina de mistério envolve a vida do escritor árabe, apesar das muitas pesquisas feitas para desvendá-la. Sabe-se que Ali Yezid Ibn Salim Hank Malba Tahan viveu em Meca, depois de ter morado doze anos em Manchester, onde seu pai era um próspero vendedor de vinhos. Como um saltimbanco, percorreu muitos países. Da Rússia chegou à Pérsia, passando pela Índia, China e — quem diria! — o Brasil, onde sucessivas gerações se deliciaram com os 117 livros que publicou, graças a traduções, devidamente anotadas, do professor Breno de Alencar Bianco.

O leitor de *O homem que calculava*, seu mais estrondoso sucesso, que desde o lançamento, em 1932, já teve 34 edições e jamais esteve ausente das estantes das livrarias, não duvidará que seja obra de um verdadeiro escritor árabe. Ainda mais que, do mesmo autor, poderá ler *Lendas do deserto*, *Novas lendas orientais* ou *Mil histórias sem fim*. Muito surpreso ficará esse leitor, com certeza, ao descobrir que o genial Malba Tahan nasceu no Rio de Janeiro, no dia 6 de maio de 1895, e recebeu, no cartório de registros, o brasileiríssimo nome de Júlio César de Mello e Souza.

Tudo o mais foi pura imaginação: o nome árabe, a biografia romanceada, o tradutor. Conseqüência inevitável de uma incrível vocação para contador de histórias, que fez as delícias de milhares de leitores e tornou menos penosas as viagens das netas para Caxambu, famosa estância mineira onde a família tinha um apartamento para veraneio — o único luxo que o escritor se concedeu, na vida. “A estrada era de terra, o carro sacolejava, demorava uma eternidade. Vovô contava histórias sem parar, e o tempo

passava mais depressa”, lembra a arquiteta Renata de Faria Pereira.

Não é à toa que *As mil e uma noites*, a interminável fieira de histórias que Sherazade contava ao sultão Chahriyar para escapar da morte, tenha sido seu livro predileto. Malba Tahan, ou melhor, Júlio César de Mello e Souza formou-se engenheiro pela Escola Politécnica Nacional, mas nunca exerceu a profissão. A paixão pelos números e pelos livros levou-o a trabalhar, primeiro na Biblioteca Nacional, depois no Colégio Pedro II e mais tarde na Escola Politécnica, como professor de Matemática. Deve ter sido um professor e tanto, pois não se pode imaginar outro profissional do ramo, naqueles tempos, a lapidar esta frase sugestiva: “Quem complica a Matemática não gosta dela, é um sádico que se diverte vendo os alunos sofrerem”.

A artista plástica Sônia Maria de Faria Pereira, a única filha mulher do escritor, conhece histórias da sua infância, passada na cidade paulista de Queluz, onde o pai e a mãe eram professores. Nessa época, com caligrafia caprichada, ele produzia o jornal *O Erre*, concorrente direto de *O mez*, editado pelo irmão mais velho, Rubens. A pauta do periódico era rica: lições de natação, desenhos sofisticados das pernas de um general em diferentes posições e reclamações capazes de criar alguma confusão: “Quando tiverem dor de barriga ou cólicas, tomem chá de losna. Não há nas farmácias”.

Aos mais tarde, já aluno do Colégio Pedro II, no Rio, Júlio César descobriu que seus pendores literários podiam ser rendosos. Descontente com uma redação que não lhe saíra a gosto, amarroutou o papel para jogá-lo fora, quando um colega, menos íntimo das letras, propôs comprá-la para entregar como sendo obra sua. Pagou com um selo do Chile. Não foi um grande lucro, mas a notícia

espalhou-se rapidamente e o jovem estudante de repente viu-se dono de um próspero negócio de redações, que vendia a 400 réis cada uma. Já não ia a pé para a escola e até se dava ao luxo de pagar o bonde para os amigos.

Como a imaginação fértil e o gosto para escrever, essa característica o acompanharia toda a vida. Malba Tahan, sem dúvida, rendeu-lhe um bom dinheiro, mas não fossem os cuidados da mulher, Nair, uma estudante da Escola Normal que se apaixonou pelo professor de Matemática, ele não teria adquirido os únicos bens que conservou a vida inteira: a casa na Gávea e o apartamento em Caxambu. Não era um estróina, mas gostava de viver bem — trocava de carro todos os anos, dedicava-se a longas disputas de bridge com os amigos, freqüentava o Hotel Cassino Atlântico com a irmã Laura, em busca de uma sorte grande, que nunca veio. Gostava, também, de arriscar uma fezinha no jogo do bicho, embora num dos seus livros, sintomaticamente chamado *O jogo do bicho à luz da Matemática*, tivesse provado que ele é 14 vezes mais desvantajoso para o apostador que para o banqueiro, nas dezenas, e 22 vezes nas centenas.

Esses prazeres mundanos, com certeza, eram modestos demais para consumir tudo quanto lhe renderam os direitos de seus livros. Mas a própria cobrança desses direitos, por exemplo, era tarefa que ele não conseguia executar direito, bem ao contrário de seu principal personagem, Beremiz Samir, que contava tudo com perfeição e minúcia. Acontece que era semelhante a Beremiz em outra particularidade: ambos estavam sempre prontos para ajudar os amigos, para a caridade, para dividir quanto possuísem com os mais necessitados — por exemplo, os hansenianos, que na época viviam confinados em colônias paupérrimas.

Autor produtivo, acordava às 4 horas, “o horário mais fecundo”, como dizia, para escrever. Era normal vê-lo de terno e descalço andando pela casa, em busca de inspiração. “Ele nos dizia que ela emana da terra, entrando pelos pés”, lembra Sônia. Os filhos imaginam que foram vendidos pelo menos 2 milhões de exemplares de seus livros, dos quais *O homem que calculava* é, disparado, o maior sucesso. Ganhou uma tradução em espanhol, e ainda este ano deve sair outra, em alemão. A tradução para o inglês de *Maktub* está pronta para ser lançada nos Estados Unidos.

Mas de onde veio o nome Malba Tahan? Ninguém sabe ao certo, mas Sônia arrisca uma hipótese: “Pode ter acontecido por um certo modismo, na época gostava-se muito de histórias exóticas”. Pode ser. Mas em 1918, muito antes de se tornar conhecido, quando tentava publicar seus primeiros textos, uma

## “A inspiração emana da terra, entra pelos pés.” Assim escreveu 117 livros

coleção de pequenas histórias, Júlio César, como todo principiante, teve o desprazer de ver seus originais mofando na gaveta de um editor desinteressado. Espertamente, reapresentou as histórias como traduções de escritos de um tal R.S. Slade, autor de muito sucesso em Nova York, segundo sua própria versão, que o editor não se deu ao trabalho de conferir. E o trabalho foi publicado no *Imparcial*.

Tinha lá suas excentricidades, e a mais famosa foi a coleção de sapos feitos de diferentes materiais.

Cortava os cabelos todos os dias, da mesma forma que fazia a barba, e sempre perguntava a alguém, por perto: “Eles não estão certinhos?” Mas a maior excentricidade, sem dúvida, foi a paixão por um mundo árabe imaginário e idílico, cheio de sábios que adoravam a Matemática e a Astronomia, como ele. Por sinal, o maior realce nas lembranças que contava aos filhos e aos netos era da noite em que foi acordado por um professor, para ver o Cometa Halley. Ele como que dividiu sua personalidade entre seus personagens mais marcantes: Malba Tahan ficou com a graça do insuperável contador de histórias; Beremiz Samir, com o gosto pelos cálculos, o prazer em torná-los simples, ao alcance do entendimento do mais iletrado beduíno.

Uma coisa é certa: ele correu o Brasil inteiro, fazendo conferências e palestras, mas apenas duas vezes foi ao exterior: primeiro a Portugal, depois à Argentina. Do Oriente, de que tanto falou em seus livros, jamais chegou perto. Leu bastante a respeito, é verdade, e teve amigos que até puderam ensinar-lhe expressões que usou nos seus escritos. De modo geral, tinha dificuldade com as línguas estrangeiras, embora tenha feito uma tradução do *Inferno*, de Dante Alighieri. Teve dificuldade também com o futebol, “uma coisa um tanto sem graça”, segundo dizia. Nem o fato de ter assistido à extraordinária vitória do Brasil sobre a Espanha, por 6 a 1, na Copa do Mundo de 1950, disputada num Maracanã recém-inaugurado, fez dele um apreciador.

Gostava de alguns jogos, dos cálculos, de contar histórias. Em 1952 assumiu publicamente sua identidade literária e acrescentou Malba Tahan ao verdadeiro nome — há quem diga que por autorização assinada pessoalmente pelo presidente da República, Getúlio Vargas. No dia 18 de junho de 1974, sentiu-se mal durante uma conferência que pronunciava em Recife, e morreu logo depois, aos 79 anos. No dia seguinte, os jornais publicavam esta nota que ele próprio havia redigido, anos antes, quando preparara seu testamento: “Malba Tahan morreu e pede, a todos, perdão pelas faltas, erros, ingratidões e injustiças. E também pede, pelo amor de Deus, que todos os crentes rezem por ele”.



*Júlio César e a mulher, Nair, uma aluna que se apaixonou pelo professor de Matemática*



*Com o irmão Rubens (à direita), concorrente na produção de jornais infantis recheados de verve e imaginação*



*Com os filhos Sônia, Ivangel e Rubens Sérgio*



*Cecil Thiré, Euclides Roxo e Júlio César (sentado, à direita): companheiros na produção de livros didáticos*

# O problema da pérola mais leve

Chamava-se Mohildin Banabixacar, geômetra e astrônomo, uma das figuras mais extraordinárias do Islã, o sétimo e último sábio que devia argüir Beremiz. Nascido no Líbano, tinha o nome escrito em cinco mesquitas e seus livros eram lidos até pelos rumis (cristãos). Seria impossível encontrar-se, sob o céu do Islã, inteligência mais possante e cultura mais sólida e vasta.

O erudito Banabixacar, o Libanês, na sua linguagem clara e impecável, assim falou, com bonomia sorridente:

— Sinto-me, realmente, encantado com o que tive oportunidade de ouvir. O ilustre matemático persa acaba de demonstrar, várias vezes, a pujança de seu incomparável talento. Gostaria, também, colaborando neste brilhante torneio, de oferecer ao calculista Beremiz Samir interessante problema que aprendi, quando ainda moço, de um sacerdote budista que cultivava a Ciência dos Números.

Acudiu o califa, vivamente interessado:

— Ouviremos, ó Irmão dos Árabes, com o máximo prazer, a vossa argüição. Espero que o jovem persa, que até agora se tem mantido inabalável nos domínios do Cálculo, saiba resolver a questão formulada pelo velho budista (Alá se compadeça desse idólatra!).

Percebendo o sábio libanês que sua inesperada proposta havia despertado a atenção do rei, dos vizires e dos nobres muçulmanos, assim falou, dirigindo-se serenamente ao Homem que Calculava:

— A esse problema caberia perfeitamente a denominação de “problema da pérola mais leve”. Tem o seguinte enunciado:

“Um mercador de Benares, na Índia, dispunha de oito pérolas iguais — na forma, no tamanho e na cor. Dessas oito pérolas, sete tinham o mesmo peso; a oitava, entretanto, era um pouquinho mais leve que as outras. Como poderia o mercador descobrir a pérola mais leve e indicá-la, com toda a segurança, usando a balança apenas duas vezes, isto é, efetuando apenas duas pesagens? É esse o problema, ó Calculista! Queira Alá inspirar-te a solução mais simples e mais perfeita!”

Ao ouvir o enunciado do problema das pérolas, um xeique, de cabelos brancos, com largo colar de

ouro, que se achava ao lado do capitão Sayeg, murmurou, em voz baixa:

— Que belíssimo problema! Esse sábio libanês é um monstro! Glória ao Líbano, o País dos Cedros!

Beremiz Samir, depois de refletir durante breves instantes, assim falou, com voz remansada e firme:

— Não me parece difícil ou obscuro o problema budista da pérola mais leve. Um raciocínio bem encaminhado pode revelar-nos, desde logo, a solução.

Vejamos: tenho oito pérolas iguais. Iguais na forma, na cor, no brilho e no tamanho. Rigorosamente iguais, diríamos assim. Alguém nos assegurou que, entre essas oito pérolas, destaca-se uma que é um pouquinho mais leve do que as outras sete, e que essas outras sete apresentam o mesmo peso. Para descobrir a mais leve só há um meio. É usar uma balança delicada e fina, de braços longos e pratos bem leves. A balança deve ser sensível. E mais ainda. A balança deve ser exata. Tomando as pérolas duas a duas e colocando-as na balança (uma em cada prato), eu descubro, é claro, qual a pérola mais leve; mas se a pérola mais leve for uma das duas últimas eu serei obrigado a efetuar quatro pesagens.

ora, o problema exige que a pérola mais leve seja descoberta e determinada com duas pesagens apenas — qualquer que seja a posição por ela ocupada. A solução que me parece mais simples é a seguinte: dividamos as pérolas em três grupos. E chamemos A, B e C esses grupos.

O grupo A terá três pérolas; o grupo B terá, também, três pérolas; o terceiro, o grupo C, será constituído pelas duas restantes. Com duas pesagens devo apontar com segurança,

